

Construções parentéticas coordenadas ancoradas oracionais e sintagmáticas*

Madalena Colaço & Gabriela Matos

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Abstract

The current paper aims to study the behavior of anchored coordinate parenthetical expressions in European Portuguese. As a first step, we tentatively propose a typology of anchored parentheticals to capture the semantic relationships they establish with their hosts. Then, we focus on the syntactic nature and autonomy of clausal and phrasal coordinate parentheticals. We argue that both types of parentheticals correspond to fully expanded ConjP that right adjoin to their anchors. However, phrasal and sentential parentheticals present a different degree of autonomy with respect to the host sentence; this leads us to propose independent analyses for these two kinds of parentheticals.

Keywords: anchored parentheticals, parenthetical coordination, sentential parentheticals, phrasal parentheticals.

Palavras-chave: parentéticas ancoradas, coordenação parentética, parentéticas frásicas, parentéticas sintagmáticas.

1. Introdução

O presente trabalho tem por objecto de estudo as construções parentéticas ancoradas. Como os exemplos seguintes mostram, estas podem apresentar diferentes construções sintáticas. Assim, em (1) ocorre um sintagma nominal aposto (*homem conhecido como Santo António de Lisboa*), enquanto em (2) a parentética é iniciada por uma conjunção coordenativa (*e agora a sua publicação*):

(1) Uma missa solene na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, marca o início oficial das comemorações dos 800 anos do nascimento de Fernando de Bulhões, [*homem conhecido como Santo António de Lisboa*].

(<http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>)

(2) A decisão do Tribunal da Relação [– *e agora a sua publicação* –] acontece depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença proferida pelo tribunal de primeira instância. (<http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>)

Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2011, pp. 182-196

* O presente estudo foi desenvolvido no âmbito do projecto PTDC/LIN/660202/2006, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

São objectivos centrais deste estudo:

- (i) estabelecer os tipos das expressões parentéticas coordenadas ancoradas em português europeu;
- (ii) determinar a configuração estrutural em que ocorrem relativamente à frase hospedeira;
- (iii) caracterizar as propriedades que exibem tendo em conta a sua natureza oracional (CP) ou sintagmática, bem como as consequências daí decorrentes para a sua análise em termos da Teoria de Princípios e Parâmetros actual.

O estudo que apresentamos baseia-se em dados de *corpora* de escrita. Os dois últimos pontos desenvolvem trabalho prévio das autoras.

2. Parentéticas coordenadas ancoradas *versus* flutuantes

Como Kavalova (2007) fez notar, existem dois tipos sintácticos fundamentais de expressões parentéticas coordenadas: (i) as parentéticas *fixas ou ancoradas*, que não têm mobilidade, ocorrendo obrigatoriamente em adjacência ao constituinte ao qual estão semanticamente associadas (designado *constituente âncora*) – cf. (3); (ii) as parentéticas *flutuantes*, que podem ocupar diversas posições na frase que as hospeda – cf. (4):

- (3) a. O partido que ganhou (*e ganhou bem*) não atinge 50 por cento dos votos. (*Público*, 21/10/2008: 5)
- b. *O partido que ganhou não atinge (*e ganhou bem*) 50 por cento dos votos.
- (4)a. A Câmara do Porto – *e o Público reconheceu-o* – debateu-se com dificuldades financeiras, relacionadas com uma quebra de receitas. (<http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>)
- b. A Câmara do Porto debateu-se – *e o Público reconheceu-o* – com dificuldades ...

Em trabalhos anteriores (Colaço & Matos, 2008; Matos & Colaço, 2009, 2010, no prelo), defendemos que as parentéticas coordenadas flutuantes são constituintes adjuntos que podem ser inseridos por *Merge* em diferentes pontos da estrutura interna da frase hospedeira. As diferenças de comportamento manifestadas pelas parentéticas coordenadas ancoradas ou fixas mostram, no entanto, que as construções em que elas ocorrem devem ser objecto de um tratamento distinto.

Na secção seguinte procuraremos cumprir o nosso primeiro objectivo: estabelecer os subtipos de parentéticas coordenadas ancoradas.

3. Esboço de tipologia das parentéticas coordenadas fixas ou ancoradas

No contexto da coordenação parentética de natureza oracional em Inglês, Kavalova (2007:149-150) caracteriza as parentéticas fixas ou ancoradas como expressões que ocorrem à direita do constituinte a que estão associadas e explicitam propriedades

estritamente correlacionadas com esse constituinte. Segundo a autora, estas expressões estabelecem com o constituinte âncora, fundamentalmente, dois tipos de relações:

- (a) uma relação que designaremos por **apositiva ou explicativa** – cf. (5)-(6) –, frequentemente similar à das relativas não-restritivas;¹
- (5) «A Faca na», a emitir hoje, foi a sua primeira longa-metragem [– *e o seu último filme polaco* –] e é daqueles casos em se pode dizer que toda a obra futura do cineasta já aí surge em condensado.
(<http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO>)
- (6) O documento aprovado ontem – *e que será debatido por mais de mil delegados em representação de cerca de cem países* – define ainda seis questões prioritárias para a Is no início do próximo século.
(<http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>)
- (b) uma relação de **retoma** de um elemento da âncora associada a um comentário metalinguístico, como acontece em (7), ou a uma maior especificação do seu conteúdo, como em (8):
- (7) Se impingem – *e o termo é impingir* – doses maciças de filmes americanos através da televisão e se as pessoas (...) são obrigadas a ver televisão (...) deveríamos exigir à televisão (...) um nível diferente de programação (...) (Nascimento et al. 1987, *Português Fundamental*, vol 2º, 1392, 306)
- (8) O partido que ganhou (*e ganhou bem*) não atinge 50 por cento dos votos.
(*Público*, 21/10/2008: 5)

A observação dos dados empíricos leva-nos, no entanto, a alargar o elenco das parentéticas coordenadas fixas ou ancoradas, acrescentando, tentativamente, outros tipos, associados a diferentes relações com o constituinte âncora, que se verificam em dados como os que apresentamos em (9)-(11):

- (c) uma relação de **adição**:

- (9)a. Muito bem, cada qual escolhe a festa – *e o modo de diversão* – que mais lhe convém. (<http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO>)

¹ Note-se que a diferença entre o valor explicativo e o valor aditivo nem sempre é fácil de estabelecer quando está envolvida a coordenação de propriedades caracterizadoras de uma mesma entidade, como acontece em (5). A distinção torna-se mais clara quando o constituinte âncora e a expressão parentética denotam entidades distintas (cf. (9)).

- b. Em relação à Linha do Estoril (*e à Transtejo*), haverá conexão, mas só com a linha de Alvalade. (<http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO>)

(d) uma relação de *rectificação (disjuntiva)*:

- (10) Muito bem, cada qual escolhe a festa – *ou o modo de diversão* – que mais lhe convém.

(e) uma relação de *contraste*:

- (11) Cada qual escolhe a festa – *mas não o modo de diversão* – que mais lhe convém.

4. A configuração estrutural das parentéticas coordenadas fixas face ao hospedeiro e a sua estrutura interna

A determinação da configuração estrutural das expressões parentéticas relativamente à frase hospedeira implica, como etapa prévia, a determinação do seu grau de autonomia estrutural. No caso da coordenação parentética, uma questão que se coloca é saber até que ponto a âncora participa na estrutura de coordenação. Recordando trabalho anterior (Colaço & Matos, 2010; Matos 2009), procederemos a uma análise breve da estrutura interna das parentéticas coordenadas.

4.1. Estrutura interna das parentéticas coordenadas

A observação do comportamento das expressões em que ocorrem parentéticas coordenadas fixas ou ancoradas leva-nos a considerar que o constituinte âncora não deve ser encarado como o primeiro termo coordenado. São várias as evidências que apontam neste sentido.

(a) *Omissão*

O facto de ser, em todos os casos, possível a omissão da expressão parentética mostra que esta constitui um comentário opcional. Nas estruturas coordenadas integradas não parentéticas, essa opcionalidade é apenas aparente, não existindo de facto: assim, quando dois termos são coordenados a omissão do segundo termo desfaz a coordenação. Esta propriedade é particularmente evidente quando ocorrem conjunções coordenativas correlativas, como ilustrado em (13), em que ocorre a expressão *não só ... mas também*; o exemplo (13b) é agramatical, uma vez que a omissão do segundo termo destrói a estrutura coordenada.

- (12) a. «A Faca na», a emitir hoje, foi a sua primeira longa-metragem [– *e o seu último filme polaco* –] e é daqueles casos em se pode dizer que toda a obra futura do cineasta já aí surge em condensado.
 b. «A Faca na», a emitir hoje, foi a sua primeira longa-metragem e é daqueles casos em se pode dizer que toda a obra futura do cineasta já aí surge em condensado.
- (13) a. Não só leram o livro mas também viram o filme.
 b. *Não só leram o livro.

(b) *Coordenação correlativa*

Na coordenação correlativa cada um dos termos coordenados é delimitado por um fragmento da locução coordenativa. O contraste entre a boa-formação dos exemplos apresentados em (5), (7) e (9) e a marginalidade dos exemplos seguintes, em que a âncora e o constituinte parentético são delimitados por expressões de coordenação correlativa, mostra que não constituem uma unidade:

- (14) a. ??«A Faca na» foi *não só* a sua primeira longa-metragem [– *mas também o seu último filme polaco* –] e é daqueles casos em se pode dizer que toda a obra futura do cineasta já aí surge em condensado.
 b. *Se *não só* impingem [– *como o termo é impingir* –] doses maciças de filmes americanos através da televisão (...)
 c. ??Muito bem, cada qual escolhe *tanto* a festa – *como o modo de diversão* – que mais lhe convém.

Os exemplos apositivos (14a) e aditivos (14c) admitem mais facilmente as expressões coordenadas correlativas. Porém, para serem bem formados, a expressão associada à âncora não pode ser interpretada como parentética (e, conseqüentemente, não pode exibir uma prosódia característica das parentéticas).

(c) *Concordância e pontuação parentética*

Quando o constituinte âncora é um DP sujeito, é apenas ele que desencadeia a concordância verbal no interior da frase hospedeira:

- (15) A decisão do Tribunal da Relação – *e agora a sua publicação* – *acontece / ??acontecem* depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença proferida pelo tribunal de primeira instância.

Note-se que a eventual oscilação que se verifica em (15) relativamente à concordância verbal é eliminada quando a expressão parentética ocorre entre parênteses curvos. Com efeito, neste caso, o verbo concorda necessariamente com o constituinte

âncora com a função de sujeito:

(16) A decisão do Tribunal da Relação (*e agora a sua publicação*) *acontece* / **acontecem* depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença proferida pelo tribunal de primeira instância.

Com efeito, no registo escrito, as parentéticas podem ser marcadas pela presença de vírgulas, travessões ou parênteses. Nem todos estes sinais de pontuação são, no entanto, igualmente exclusivos da marcação parentética, embora este aspecto não tenha sido salientado na literatura. De facto, apenas a delimitação do constituinte parentético por parênteses curvos assegura esse seu estatuto. Os exemplos seguintes, que envolvem frases subordinadas condicionais, ilustram este facto — enquanto em (17a) a oração intercalada é interpretada como parentética e, por isso, pode ocorrer entre parênteses curvos, em (17b), a colocação da subordinada condicional entre parênteses curvos é impossível. No entanto, a separação, por vírgulas, desta oração daquela com que está relacionada é possível em qualquer dos casos:²

(17)a. O João (se não me engano) vem visitar-nos hoje.
b. *(Se não me engano) o João vem visitar-nos hoje.

(18) a. O João, se não me engano, vem visitar-nos hoje.
b. Se não me engano, o João vem visitar-nos hoje.

Na coordenação aditiva não-parentética, a concordância com a estrutura coordenada quando ela designa uma entidade plural é obrigatória quando esta ocorre como sujeito pré-verbal (cf. ((16) vs.(19))³:

(19) A decisão do Tribunal da Relação e a sua publicação *acontecem* / **acontece* depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença proferida ...

(d) ***Realização lexical do primeiro termo coordenado***

Na maioria dos casos em que ocorrem parentéticas coordenadas fixas, é possível realizar lexicalmente, no interior da parentética, o primeiro termo coordenado com uma expressão idêntica ao constituinte âncora:

(20) O partido que ganhou (*ganhou e ganhou bem*) não atinge 50 por cento dos votos.

² Note-se que, no caso das parentéticas coordenadas, a primeira posição nunca está disponível, por motivos independentes. A este propósito, veja-se Colaço & Matos (2010).

³ Para uma análise mais detalhada deste aspecto ver Colaço (2005), Colaço & Matos (2010) e bibliografia aí referida.

(21) Muito bem, cada qual escolhe a festa – *a festa e o modo de diversão* – que mais lhe convém.

Esta possibilidade de realizar lexicalmente o constituinte âncora fornece-nos duas evidências importantes para a análise destas construções:

- (i) o constituinte âncora não é o primeiro termo da estrutura coordenada;
- (ii) a posição correspondente ao primeiro termo coordenado (Spec, ConjP) está disponível (embora, normalmente, vazia⁴) no interior da parentética.

Assumimos, assim, que a estrutura coordenada que ocorre nestas construções corresponde a um ConjP completamente expandido (constituído por núcleo, complemento e especificador), como está representado em (22). Difere, no entanto, dos casos de coordenação comum pelo facto de permitir a não realização lexical do primeiro termo coordenado:

(22) ... [WP_{âncora} [ConjP [XP -] Conj YP]] ...

Dado que o constituinte âncora não participa na estrutura coordenada, a autonomia estrutural da coordenada parentética relativamente à frase hospedeira é muito maior do que seria se o constituinte âncora fosse considerado o primeiro termo da estrutura de coordenação (i.e. o XP em (22)).

4.2. As parentéticas fixas como adjuntos à direita do constituinte âncora

Apesar de a autonomia estrutural das parentéticas coordenadas fixas face à frase hospedeira, a sua articulação sintáctica com um constituinte desta, a âncora, é um facto, detectável, por exemplo, pela falta de mobilidade da parentética (23b) e (24b):

- (23) a. A decisão do Tribunal da Relação [– *e agora a sua publicação* –] acontece depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença (...).
- b. *A decisão do Tribunal da Relação acontece [– *e agora a sua publicação* –] depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença (...).
- (24) a. O partido que ganhou (*e ganhou bem*) não atinge 50 por cento dos votos.
- b. *O partido que ganhou não atinge (*e ganhou bem*) 50 por cento dos votos.

Os testes de constituência, por clivagem, que apresentamos em (25)-(28) corroboram a ideia de que âncora e parentética formam uma unidade estrutural, e que tal

⁴ Em Colaço & Matos (2010) defendemos que, em construções envolvendo parentéticas coordenadas flutuantes, no primeiro termo coordenado ocorre uma categoria vazia elíptica ou pronominal. Assumimos que o mesmo se passa no caso das parentéticas coordenadas fixas ou ancoradas. O facto de esta posição vazia (Spec, ConjP) apenas poder ser realizada lexicalmente por material idêntico ao que realiza o constituinte âncora parece-nos decorrer de uma condição de relevância que, de acordo com vários autores, subjaz à ocorrência de expressões parentéticas em geral.

se verifica não só no caso das parentéticas apositivas, mas também no dos outros tipos de parentéticas coordenadas fixas:

- (25)a. Vão emitir hoje a sua primeira longa-metragem [– e o seu último filme *polaco* –].
 b. É a sua primeira longa metragem [– e o seu último filme polaco –] *que* vão emitir hoje.
 c. *É a sua primeira longa metragem *que* [– e o seu último filme polaco –] vão emitir hoje.
- (26)a. É o partido que ganhou (e ganhou bem) *que* não atinge 50 por cento dos votos.
 b. *É o partido que ganhou *que* (e ganhou bem) não atinge 50 por cento dos votos.
- (27)a. É a decisão do Tribunal da Relação [– e agora a sua publicação –] *que* acontece depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença.
 b. *É a decisão do Tribunal da Relação *que* [– e agora a sua publicação –] acontece depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença.
- (28)a. É a festa [– ou o modo de diversão –] *que* mais lhe convém *que* cada um escolhe.
 b. * É a festa que mais lhe convém *que* [– ou o modo de diversão –] cada um escolhe.
- (29)a. É a festa – mas não o modo de diversão – *que* mais lhe convém *que* cada um escolhe.
 b. *É a festa que mais lhe convém *que* – mas não o modo de diversão – cada um escolhe.

Estes factos levam-nos a alargar a posição de Matos (2009) relativamente às parentéticas frásicas apositivas (coordenadas e relativas⁵), aos restantes tipos de parentéticas. Ou seja, admitimos que os constituintes parentéticos fixos ou ancorados são projecções sintácticas plenamente expandidas, adjuntas à direita do constituinte âncora.

Para o caso das estruturas coordenadas, a representação (22) deve, pois, ser precisada como em (30):

- (30) ... [**WP** **WP**_{âncora} [ConjP XP [Conj YP]] .] ...

⁵ Para as relativas apositivas em Português, Matos (2009) apoiou-se no trabalho de Brito (1988, 1991, 2005 e 2006), por sua vez inspirada em Safir (1986).

5. A autonomia das parentéticas coordenadas ancoradas e o seu estatuto oracional ou sintagmático

Nas parentéticas coordenadas ancoradas ou fixas, a expressão que se segue à conjunção coordenativa pode apresentar uma natureza sintagmática ou oracional. Revejam-se, respectivamente, os dados apresentados em (2) e (5) e em (3) e (6), repetidos em (31)-(32) e (33)-(34), respectivamente, para as parentéticas coordenadas:

- (31) A decisão do Tribunal da Relação [– *e agora a sua publicação* –] acontece depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença proferida pelo tribunal de primeira instância.
- (32) «A Faca na», a emitir hoje, foi a sua primeira longa-metragem [– *e o seu último filme polaco* –] e é daqueles casos em se pode dizer que toda a obra futura do cineasta já aí surge em condensado.
- (33) O partido que ganhou (*e ganhou bem*) não atinge 50 por cento dos votos.
- (34) O documento aprovado ontem – *e que será debatido por mais de mil delegados em representação de cerca de cem países* – define ainda seis questões prioritárias para a Is no início do próximo século.

5.1. Contrastes entre as parentéticas coordenadas ancoradas oracionais e as sintagmáticas

A ocorrência de constituintes sintagmáticos ou oracionais como expressões parentéticas tem repercussões relevantes na autonomia das expressões parentéticas coordenadas, nomeadamente no que diz respeito a escopo e ligação.

Como foi notado, entre outros, por Safir (1986), Brito (1991, 2006) e De Vries (2006) para as orações relativas apositivas em Inglês, Português e Holandês, as orações (i.e., os CPs) parentéticas bloqueiam o c-comando por parte de um constituinte externo:⁶

(35) a. *Relativa apositiva*

*[Toda a mulher]_i gosta do João, que confia n[ela]_i (Brito 2005:406)

b. *Relativa restritiva*

[Toda a mulher]_i gosta de um homem que confie n[ela]_i (Brito 2005:406)

(36) a. *Relativa apositiva*

Ela_i não é muito apreciada pelos amigos, que sempre consideraram a Maria_i uma pessoa muito reservada (Brito 2005:407)

b. *Relativa restritiva*

*Ela_i não é muito apreciada pelos vizinhos que moram no prédio da Maria_i.

⁶ Recorde-se a noção (simplificada) de c-comando:

Numa representação em árvore, um nó A c-comanda um nó B, se B for irmão de A ou estiver contido no nó irmão de A.

(Brito 2005:407)

O exemplo (35b) ilustra o caso classicamente designado de *pronome ligado*, em que o constituinte pronominal não apresenta um valor referencial específico, comportando-se antes como uma variável presa pela expressão quantificada. O exemplo (36b) é um caso de infracção do Princípio C da Teoria da Ligação: a expressão-R(eferecial) *a Maria* tem um antecedente em posição argumental que a c-comanda, *ela*.

Matos (2006, 2009) e Matos & Colaço (2010) notaram que o mesmo acontece no caso das construções que envolvem coordenação parentética para as orações coordenadas parentéticas.

(37) a. *Coordenação oracional parentética*

*[Toda a mulher]_i, e *pro*_i tem confiança n[ela/si própria]_i, procura ultrapassar os seus limites.

b. *Coordenação oracional não-parentética*

[Toda a mulher]_i procura ultrapassar os seus limites e [-]_i tem confiança n[ela/si própria]_i

(38) a. *Coordenação oracional parentética*

Ela_i, e a Maria_i vive no Porto, arranjou emprego em Lisboa.

b. *Coordenação oracional não-parentética*

*Ela_i arranjou emprego em Lisboa e a Maria_i vive no Porto.

Em (37a), a expressão quantificada *toda a mulher* não consegue c-comandar o sujeito omitido da parentética, *pro*_i, que serve de antecedente local à anáfora *ela/si própria* e a frase é mal formada, pois a expressão quantificacional não prende qualquer variável⁷. O mesmo não acontece em (37b), em que a expressão quantificada *toda a mulher* c-comanda todo o segundo termo coordenado e, conseqüentemente, o seu sujeito⁸ Assim, uma frase como a seguinte, em que o constituinte âncora não é uma expressão quantificada, é bem formada:

(39) Tu, e *pro* confias na Maria, não lhe emprestas dinheiro.

Do mesmo modo, em (38a) a expressão âncora não c-comanda nenhum constituinte no interior da parentética, uma vez que não há infracção do Princípio C, apesar de *ela* e

⁷ Note-se que em exemplos como o seguinte não estamos perante casos de pronome ligado, uma vez que o pronome é interpretado como denotando um indivíduo específico e não uma variável:

(i) O João, e a Maria não duvida dele, tem momentos de desânimo.

⁸ .Note-se que esse sujeito omitido deve ser caracterizado como um pronominal sem realização fonética em (37a), *pro*, mas o seu estatuto em (37b) é ambíguo, podendo ser caracterizado como *pro* ou como cópia apagada do “Movimento Simultâneo” do Sujeito de ambos os termos coordenados.

a *Maria* partilharem identidade referencial, o que contrasta com o que se verifica quando a coordenação não é parentética, como está ilustrado em (38b). De facto, o comportamento do pronominal e da expressão-R em (38a) não parece ser diferente daquele que estas expressões nominais exibem quando ocorrem em fragmentos discursivos distintos, como em (40):

(40) Ela_i arranhou emprego em Lisboa. E a Maria_i vive no Porto!

Estes efeitos de bloqueamento de c-comando não se fazem, porém, sentir quando as expressões parentéticas são sintagmáticas, nomeadamente quando são DPs. Neste caso, o constituinte da frase hospedeira que precede a parentética c-comanda no interior desta, como indicam a infracção de Princípio C em (41) e os efeitos de Princípio A em (42):

(41) a. *Ele_i, e o cão do João_i, vai passear à praia amanhã.

b. *Ela_i, e todos os primos da Maria_i, vai passar as férias ao Algarve

(42) a. Só ela_i, e ela própria_i, pode resolver esta situação. (cf. * Só ela_i, e eu própria_i, pode resolver esta situação.)

b. Ela_i falou d[a personagem que interpretava], ou de si própria_i, uma vez que as afinidades eram muitas.

O contraste entre o comportamento dos constituintes parentéticos oracionais (CP) e o dos não-oracionais sugere que o estatuto de fase-CP constitui um factor relevante para o bloqueamento de c-comando/efeitos de escopo nas construções parentéticas.⁹ Note-se que contrastes semelhantes são evidenciados para adjuntos não parentéticos por Biskup (2006), em Checo:

Biskup confirma, para o Checo, que, tal como noutras línguas (e.g. para o Inglês, Lebaux, 1988; Chomsky, 2004), os CPs adjuntos podem, em determinadas circunstâncias, não apresentar efeitos de infracção de Princípio C – veja-se (44), que explicita, para a tradução portuguesa, a representação simplificada subjacente a (43), em termos da Teoria da cópia:

(43)	Který obrazék	Karla _i který měl Jirka _j	rád, si pro* _{i,j}
	koupil?		
	Que retrato de Karel	de que gosta Jirka _{nom} ,	pro comprou

⁹ Um alargamento do estudo acerca de alguns aspectos relacionados com a Teoria da Ligação permitir-nos-á explicar por que razão, em construções como as que estudamos, é possível a ocorrência de uma expressão referencial na parentética correferente com o constituinte âncora, sem que daí resulte, necessariamente, agramaticalidade:

(i) O João – o João e outros alunos – anda a faltar muito às aulas.

Outros casos de infracções do princípio C com bons resultados têm sido já notados na literatura. Por exemplo:

(ii) If everyone admires Oscar₁, then he₁ admires Oscar_{1,2}

(Evans 1980, citado em Fiengo & May 1994:28)

‘Que retrato de Karel de que o Jirka gosta comprou ele?’ (cf. Biskup 2006)

- (44) [CP [Que retrato de Karel_i de que o Jirka_j gosta ~~de que~~] [comprou ele_{*i,j}
~~que retrato de Karel_i de que Jirka_j gosta de que~~]]? (cf. Biskup
 2006)

Pelo contrário, em Checo, como em Português, os adjuntos adnominais desencadeiam sempre infracções de Princípio C (cf. (45)) — veja-se a representação simplificada da tradução portuguesa em (46):

- (45) *Kolik knížek na Pavlově_i polici pro_i přečtl?
 Quantos livros do Pavel estante pro leu?
 Quantos livros da estante do Pavel_i leu ele_i? (cf. Biskup 2006)
- (46) *[CP [Quantos livros da estante de Pavel_i [leu ele_i ~~quantos livros da estante de Pavel_i~~]]?]

5.2. Adjuntos sintagmáticos e a relevância de *Late Adjunction*

O comportamento dos adjuntos sintagmáticos parece pôr em causa os tratamentos por *Adjunção Tardia* (*Late Adjunction*) dos adjuntos em geral, propostas em Lebaux (1988), Chomsky (2004), Stepanov (2001), Takahashi & Hulsey (2009), e dos adjuntos parentéticos em particular.

A *Adjunção Tardia* foi proposta para captar os efeitos de bloqueamento de c-comando em adjuntos, por oposição a complementos (Lebaux, 1988). Tem sido alvo de discussão quanto ao seu nível de aplicação; porém, em qualquer dos casos é controversa:

(47) *Níveis de aplicação de Adjunção Tardia*

- a. *Adjunção Tardia na Sintaxe* (Stepanov, 2001): Se se aplicar em Sintaxe, pós-ciclicamente, antes de cada fase ser transferida para os níveis de interface, não bloqueia c-comando.
- b. *Adjunção Tardia depois de transferência para Interpretação Semântica* (Ochi 1999; Takahashi & Hulsey, 2009; e.o.): se a *Adjunção Tardia* se aplicar após a transferência para a Componente Fonológica (contra-ciclicamente), os efeitos de c-comando não se fazem sentir, pois cada fase é transferida de forma independente, previamente à operação de *adjunção*.

Porém, os contrastes empíricos, considerados em Bishop (2006), entre adjuntos sintagmáticos e frásicos não parentéticos, bem como os observados no presente trabalho, entre parentéticas ancoradas sintagmáticas e parentéticas ancoradas frásicas-CP mostram que pelo menos alguns adjuntos têm de ser inseridos na derivação sintáctica antes de serem transferidos para as *Componentes Fonológica e Semântica*.

Para adoptar a hipótese de *Adjunção Tardia*, teríamos de admitir que o sistema computacional aplica esta operação em ambos os níveis de derivação:

(i) *Adjunção na Sintaxe* anterior a Transferência, para os adjuntos sintagmáticos (parentéticos ou não) e para alguns adjuntos CPs, e.g., as relativas restritivas em (35b) e (36b), aqui repetidas:

(48) a. [Toda a mulher]_i gosta de um homem que confie n[ela]_i
 b. *Ela_i não é muito apreciada pelos vizinhos que moram no prédio da Maria_i.

(ii) *Adjunção na componente Fonológica*, para os adjuntos CP que revelam autonomia face ao hospedeiro, como é o caso das orações parentéticas em geral.

Em suma, a operação de Adjunção seria caracterizada simultaneamente como uma regra cíclica e contracíclica.

Uma hipótese alternativa, que parece uniformizar estes casos, seria admitir, como em Matos (2006, 2009), que a operação de Adjunção (*Pair Merge*) se aplica na Sintaxe e que, de acordo com o Programa Minimalista, a derivação se processa de baixo para cima, sendo cada *Fase* (Phase) transferida o mais cedo possível para os níveis de interface (Chomsky, 2001).

Explorando esta proposta, levantamos a seguinte hipótese:

Os *adjuntos sintagmáticos não são Fases*, ou seja, não constituem domínios oracionais completos. Apenas os adjuntos que constituam Fases e apresentem autonomia semântica e fonológica face ao constituinte a que se adjungem (e.g. os constituintes oracionais-CP que exibem o traço [+ parentético]) são transferidos para as componentes Fonológica e Semântica antes de a âncora ser transferida.

Aceitando esta hipótese, a diferença de comportamento entre as parentéticas coordenadas oracionais e as sintagmáticas é esperada.¹⁰

¹⁰ Um revisor colocou-nos, como alternativa a esta hipótese, a possibilidade de distinguir dois tipos de adjunção: “uma que está na base de coordenação parentética, outra que está na base do que se poderia chamar modificação parentética (no fundo estruturas “ditas” de subordinação).” Argumentos empíricos e teóricos põem, no entanto, em causa esta hipótese. Do ponto de vista empírico, seria difícil reconduzir os diferentes tipos de parentéticas não coordenadas à modificação parentética de natureza “subordinativa”. Veja-se o seguinte exemplo:

(i) A Grécia – aquilo lá está com sérias dificuldades financeiras – vai receber auxílio da Comunidade Europeia.

(ii) D. Afonso Henriques – o Conquistador – foi o primeiro rei de Portugal.

Do ponto de vista teórico, teríamos de pressupor que o sistema computacional tinha operações específicas para “coordenação” e “subordinação”, em vez das operações gerais *Set Merge* e *Pair Merge*.

6. Conclusões

As conclusões a que chegámos ao longo deste trabalho podem resumir-se nos seguintes pontos:

(i) Tipos das expressões parentéticas ancoradas em português europeu

Alargando o elenco de tipos de expressões parentéticas coordenadas fixas ou ancoradas relativamente à proposta de Kavalova (2007), propusemos uma tipologia que permite captar os vários tipos de relação que elas estabelecem com o constituinte âncora, a saber: relação apositiva ou explicativa, de retoma, de adição, de rectificação (disjuntiva) e de contraste.

(ii) Configuração estrutural relativamente à frase hospedeira

A observação do comportamento das expressões em que ocorrem parentéticas coordenadas fixas ou ancoradas levou-nos a considerar que o constituinte âncora não deve ser encarado como o primeiro termo coordenado. Assumimos, assim, que a estrutura coordenada que ocorre nestas construções corresponde a um ConjP completamente expandido (ou seja, constituído por núcleo, complemento e especificador), mas que difere dos casos de coordenação comum pelo facto de permitir a não realização lexical do primeiro termo coordenado. No que diz respeito à sua articulação com a frase hospedeira, defendemos que as parentéticas coordenadas fixas ou ancoradas são adjuntos à direita do constituinte âncora.

(iii) Propriedades que exibem tendo em conta a sua natureza oracional ou sintagmática

Os dados do português europeu que apresentámos mostraram uma diferença de comportamento relevante entre as parentéticas coordenadas sintagmáticas e as oracionais, no que diz respeito ao grau de autonomia que exibem relativamente à frase hospedeira ou, mais concretamente, ao constituinte a que se ancoram. As diferenças registadas em relação a aspectos como o escopo e a ligação conduziram-nos à hipótese de que, sendo a adjunção realizada na sintaxe, os constituintes parentéticos sintagmáticos (concretamente, DPs), contrariamente aos oracionais (CPs), não constituem fases, permitindo que o constituinte âncora c-comande no seu interior.

Referências:

- Biskup, P. (2006) Adjunction, Condition C, and the Background Adjunct Coreference Principle, *Proceedings of WCCFL 25*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 96-104.
- Brito, A. (1988) *A Sintaxe das Orações Relativas em Português: estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*, Diss. de Doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Brito, A. (1991) *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*. Porto: INIC.

- Brito, A. (2005) As Relativas Não Restritivas com Antecedente Nominal como um Caso de Aposição. In Duarte, I. & I. Leiria (orgs.) *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (2004)*. Lisboa: APL, pp. 401-419.
- Brito, A. (2006). “Les relatives non restrictive comme des cas particuliers d’apposition”. *Faits de Langues – revue de linguistique*, n° 28, Paris: OPHRYS, pp. 67-81.
- Chomsky, N. (2001) Derivation by Phase. *Ken Hale: A Life in Language*. Kenstovicz, Michael (ed). Cambridge, Mass: MIT Press. pp. 1-54.
- Chomsky, N. (2004) Beyond Explanatory Adequacy, ed. by Belletti, Adriana. *Structures and Beyond – The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3, pp. 105-131. Oxford: Oxford University Press.
- Chomsky, N. (2008) On Phases. *Foundational Issues in Linguistic Theory - Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*, ed. by Robert Freidin, Carlos Otero & Maria-Luisa Zubizarreta, 133-166. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Colaço, M. (2005) *Configurações de coordenação aditiva: tipologia, concordância e extracção*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Colaço, M. & G. Matos (2008) Coordenação com orações parentéticas em português, Comunicação apresentada no 1º Workshop do Projecto *Silent Categories in the Grammar of Portuguese (SILC)*, Faculdade de Letras de Lisboa, Novembro.
- Colaço, M. & G. Matos (2010) Estruturas Coordenadas sem Especificador Realizado em Português Europeu. In *Diacrítica*. Braga: Revista do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, pp. 267-288.
- De Vries, M. (2006) Parentheses as B-merged adverbial phrases. In Déhé, N. & Y. Kavalova, eds., In Déhé, N. & Y. Kavalova, (eds.) *Parentheticals*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 203-234.
- Fiengo, R. & R. May (1999) *Indices and Identity*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press
- Kavalova, Y. (2007) *And-Parenthetical clauses*. In Déhé, Nicole & Y. Kavalova, eds., In Déhé, N. & Y. Kavalova, eds. (2007). *Parentheticals*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins,
- Lebaux, D. (1988) Relative Clauses, Licensing and the Natures of the Derivation. *Syntax and Semantics*, 25, pp. 209-239.
- Matos, G. (2006) Coordenação, subordinação e adjunção. *Lição de Síntese para Provas de Agregação*. Universidade de Lisboa, Lisboa, 5 de Junho.
- Matos, G. (2009) Appositive Sentences and the Structure(s) of Coordination, In *Romance Languages and Linguistic Theory 2006*. In Torck, D. & L. Wetzels (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 159-174.
- Matos, G. & M. Colaço, (2010) As orações coordenadas parentéticas flutuantes como uma instância de adjunção, *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 607-610.
- Matos, G. & M. Colaço (no prelo) Floating parenthetical coordinate clauses, *Romance Languages and Linguistic Theory 2009*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Ochi, M. (1999) Multiple Spell-Out and PF adjacency. In *Proceedings of the North Eastern Linguistic Society 29*. University of Massachusetts, Amherst.
- Safir, K. (1986) Relative Clauses in a Theory of Bindings and Levels. *Linguistic Inquiry*, 17:4, pp. 663-689.
- Stepanov, A. (2001) Late Adjunction and Minimalist Phrase Structure. *Syntax*, vol. 4, n° 2, pp. 94-125.
- Takahashi, S. & S. Hulsey (2009) Wholesale Late Merger: beyond the A/A’ Distinction. *Linguistic Inquiry*, vol. 40, n° 3, pp. 387-426.